

PISM PROGRAMAS DE INGRESSO 2017

3

1º DIA

LÍNGUA PORTUGUESA

ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO, HUMANAS

NOTAS

1

2

ufjf

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ARBITRÁRIO
INSCRIÇÃO
COLE AQUI A ETIQUETA

UFJF - PISM 2017 - 1 - PROVA 1 (LÍNGUA PORTUGUESA)

NOME LEGÍVEL:

ASSINATURA:

INSCRIÇÃO: -

ATENÇÃO, FISCAL: NÃO CORTAR O CANHOTO ANTES DE ETIQUETAR E CONFERIR TODAS AS PROVAS

ATENÇÃO:

1. Utilize somente caneta azul ou preta.
2. **ESCREVA OU ASSINE SEU NOME SOMENTE NO ESPAÇO PRÓPRIO DA CAPA.**
3. O espaço que está pautado nas questões é para a sua REDAÇÃO FINAL.
4. Para RASCUNHO utilize somente a folha indicada como tal.
5. **NÃO FAÇA NAS DEMAIS PÁGINAS QUALQUER MARCA PARA ALÉM DO SEU TEXTO.**
6. Ao final da prova, destaque e **NECESSARIAMENTE** leve consigo a FOLHA DE RASCUNHO.

Texto 1

Arte porque sim

Júlia Rebouças

Na tarde de 5 de novembro de 2015 uma barragem de rejeitos de mineração de ferro rompeu no município de Mariana, Minas Gerais, despejando cerca de sessenta milhões de metros cúbicos de lama e metais pesados em seiscentos e sessenta e três quilômetros de extensão do rio Doce, que deságua no oceano Atlântico. O volume de lama divulgado é contestado pela empresa responsável, assim como a toxicidade do material. Registram-se índices de chumbo, arsênio e manganês acima de níveis seguros para o ecossistema. De acordo com o Ministério Público de Minas Gerais, condicionantes do licenciamento ambiental da barragem estavam sendo desrespeitadas, sem que houvesse a devida fiscalização, o que incluía um plano de emergência que poderia ter evitado a morte de dezessete pessoas e a total destruição do vilarejo de Bento Rodrigues. O território dos indígenas krenak, no vale do rio Doce, é totalmente destruído pela contaminação da lama. Não há mais possibilidade de pesca, plantio ou criação de animais. Sagrado para os Krenak, o rio é a entidade Watú – avô – por sua importância, grandiosidade e pelo respeito que emana. Hoje uma cerca separa as pessoas da margem intoxicada e infértil. Os rios somos nós todos, seres de água. Cada criança que nasce é uma nascente. [...] A cantora Elza Soares vem a público e entoa o fim do mundo. [...] Elza canta para não enlouquecer, diz. Sua carreira começou num show de calouros na televisão, aos treze anos, a fim de levantar dinheiro para comprar remédios para seu filho recém-nascido. Diante de seu corpo negro, franzino, vestido com trajes risíveis para a plateia domingueira, ouviu do apresentador Ary Barroso a pergunta debochada de que planeta ela tinha vindo. Elza respondeu que vinha do planeta fome. Em dezembro de 2015, sábado à noite, cinco jovens negros estavam num carro na Zona Norte do Rio de Janeiro quando foram executados por policiais com cento e onze tiros de fuzil e revólver. Os policiais fraudam a cena do crime e forjam um auto de resistência. Extinção, especulamos sobre essa ameaça, que já é iminência. Como fazer brotar do solo humilhado, como abrir frestas para novas formas de vida? O amanhã está aqui e se parece com ontem. [...] O xamã yanomami Davi Kopenawa trabalha com o etnólogo Bruce Albert para *desenhar na pele do papel* registros da cosmologia de seu povo. Narra sua história, que não é de um indivíduo, mas de um coletivo, com seus conhecimentos, narrativas, profecias. A história dos Yanomami, transmitida por meio de sonhos, chega na forma de um livro que escapa aos gêneros e às disciplinas do saber hegemônico ocidental. Generosamente, olha para nós, sujeitos do alheamento, e nos explica que *a terra dos antigos brancos era parecida com a nossa. Lá eram tão poucos quanto nós agora na floresta. Mas seu pensamento foi se perdendo cada vez mais numa trilha escura e emaranhada* [...] *Puseram-se a desejar o metal mais sólido e mais cortante, que ele [Omama] tinha escondido debaixo da terra e das águas. Aí começaram a arrancar o minério do solo com voracidade. Construíram fábricas para cozê-los e fabricar mercadorias em grande quantidade. Então, seu pensamento cravou-se nelas e eles se apaixonaram por esses objetos como se fossem belas mulheres. Isso os fez esquecer a beleza da floresta* [...] *E, assim, as palavras das mercadorias e do dinheiro espalharam-se por toda a terra de seus ancestrais. É o meu pensamento.* Antes de o ano acabar, um menino kaingang de dois anos é degolado no colo da mãe por um homem que se aproximou lhe fazendo um afago. Um país na vertigem do presente. [...] A arte vai à frente, as instituições vão atrás. Realizar a Bienal de São Paulo que se assenta em 2016 compreende o exercício de pensar, sempre e mais uma vez, no que pode a arte. Ou para que arte, ou para quem? [...] Os estudantes secundaristas ocupam suas escolas. A demanda é educação de qualidade e repúdio ao sucateamento do ensino público. Denunciam o desvio de verba que seria usada para a compra de merenda escolar. Merenda escolar. [...] A polícia se chama choque e arranca os estudantes da escola. As mulheres ocupam. Na caminhada, um cordão de frente de mães que carregam seus bebês. A polícia se chama choque e acompanha o cortejo como se fosse um bicho esfomeado e açoitado, prestes a atacar. Os corpos das mulheres têm marcas de tinta da cor vermelha. A televisão da padaria transmite o debate num programa matutino. Os especialistas discutem se é estupro ou não o caso de uma jovem de dezesseis anos violentada por trinta e três homens. Vídeos com cenas do ocorrido viralizam nas redes sociais. Não há tinta vermelha suficiente para representar tanto sangue. [...] Junho de 2016, dois meninos, um de dez e outro de onze anos, furtam um carro em um bairro nobre de São Paulo. Perseguidos, o de dez anos, que dirige o automóvel, é morto pela polícia militar. Dez anos. É feito um auto de resistência – o menino teria atentado contra a polícia. Os moradores do bairro nobre juntam-se para contratar advogados e defender os policiais em caso de processo. [...] Uma semana antes de chegar junho, tem-se a notícia de que pelo menos oitocentos e oitenta imigrantes afogaram-se no mar Mediterrâneo tentando

chegar ao continente europeu. Uma boate frequentada pela comunidade gay de Orlando, na Flórida, é invadida por um atirador que mata cinquenta pessoas. [...] Como forjar imagens grávidas, palavras-sementes, formas mutantes. A necessidade da arte. O povo Aymará dos Andes chilenos diz que o futuro está em nossas costas, incógnito, enquanto o passado está na nossa frente, diante de nossos olhos. [...] Um artista de mãos dadas a um pajé tukano, soprando uma nuvem, pousados sobre o centro geodésico da América do Sul. Hoje é dia 14 de junho de 2016.

REBOUÇAS, Júlia. Arte porque sim. VOLZ, J.; REBOUÇAS, J. (Org.) *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva: Catálogo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

QUESTÃO 1 – A partir de elementos retirados do texto, explique o título (“Arte porque sim”), esclarecendo o fato de “porque” ali ser escrito desta forma.

QUESTÃO 2 – Releia os seguintes trechos:

Na tarde de 5 de novembro de 2015 uma barragem de rejeitos de mineração de ferro rompeu no município de Mariana, Minas Gerais, despejando cerca de sessenta milhões de metros cúbicos de lama e metais pesados em seiscentos e sessenta e três quilômetros de extensão do rio Doce, que deságua no oceano Atlântico.

Em dezembro de 2015, sábado à noite, cinco jovens negros estavam num carro na Zona Norte do Rio de Janeiro quando foram executados por policiais com cento e onze tiros de fuzil e revólver. Os policiais fraudam a cena do crime e forjam um auto de resistência.

Esses são dois de vários outros exemplos de fatos recentes ocorridos no Brasil. Qual é a ligação entre eles que levou a autora a reuni-los?

QUESTÃO 3 – No Texto 1, a autora mistura discurso direto e indireto. Retire do texto um caso de discurso indireto e transforme-o em um discurso direto.

RASCUNHO

RASCUNHO